

## A cura sob suspeita: a presença de espíritas, feiticeiros, homeopatas e licenciados em Pelotas (RS) – 1891-1930

Lorena Almeida Gill / UFPel

**Resumo:** Na virada do século XIX para o XX, Pelotas vivia uma época de transformações infra-estruturais, ainda em função da prosperidade econômica obtida entre 1860 e 1890, momento em que as charqueadas trouxeram grandes recursos econômicos para a região. Nesta cidade convivia uma riqueza imponente, que se expressava por meio de seus casarios e uma pobreza marcante, que excluía de uma sobrevivência digna milhares de pessoas, em sua maioria, negros recém libertos e imigrantes pobres. Pelotas, contraditória em muitos aspectos, sofria com a existência de várias epidemias como o tifo, a difteria e a tuberculose. Dentro deste contexto, não eram poucos aqueles que se apresentavam como disponíveis para resolver a situação de descaso com a saúde, como espíritas, feiticeiros, homeopatas e licenciados, que aqui exerciam as suas funções sem maiores problemas.

**Palavras-chave:** Curadores, PRR, Pelotas.

A opulência de Pelotas durante as décadas finais do século XIX tem sido relatada por vários autores<sup>1</sup>, que definiram a cidade tendo como marca a importância dos barões do charque, uma vez que no auge da sua produção (1860-1890) a cidade contou com cerca de 40 charqueadas, que além de proporcionarem um grande crescimento econômico para a região, favoreceram a construção de uma nova infra-estrutura, que se relacionava a obras para o melhoramento de águas e instalação de esgotos, aumento de iluminação pública, novos meios de transporte, além das transformações no que diz respeito à cultura e ao lazer, com a inauguração da Biblioteca Pública Pelotense em 1875 e a proliferação de clubes e associações recreativas, culturais, étnicas, bailantes, carnavalescas, literárias, religiosas e a existência de um número impressionante de jornais diários, além de muitos semanários.

Todo este progresso, no entanto, estava ainda circunscrito a pequenos espaços territoriais, geralmente no centro da cidade e a cultura e o lazer se destinava a poucas parcelas da população.

Novas obras dentro da área da História<sup>2</sup> buscam contar sobre a vida daqueles que não eram proprietários, ou seja, a maioria, e que se constituía em um contingente de pessoas

---

<sup>1</sup> Ver sobre o assunto: MAGALHÃES, Mario. *Opulência e Cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul*: um estudo sobre a História de Pelotas (1860-1890). Pelotas: Ed. da UFPel:Co-edição Livraria Mundial, 1993; OSÓRIO, Fernando. *A Cidade de Pelotas*. Pelotas: Ed. Armazém Literário, 1998 e ANJOS, Marcos. *Estrangeiros e Modernização*: a cidade de Pelotas no último quartel do século XX. Pelotas: Ed. da UFPel, 2000.

<sup>2</sup> Ver sobre a temática: LONER, Beatriz. *Construção de Classe*: operários de Pelotas e Rio Grande (1888-1930). Pelotas: Ed. da UFPel; Unitrabalho, 2001; GILL, Lorena. *O mal do século*: tuberculose, tuberculosos e políticas de saúde em Pelotas (RS) 1890-1930. Pelotas: Ed. da EDUCAT, 2007 e AL-ALAM, Caiuá. *Insultos e*

2

extremamente pobres, descendentes de escravos, antigos trabalhadores de estância e ainda uma grande parcela de imigrantes, que possuía um baixíssimo poder aquisitivo.

Desse modo embora existissem ares de modernização, muitos deles vinculados a projetos ainda não executados, Pelotas possuía de fato uma infra-estrutura oitocentista. As deficiências e adversidades eram sentidas por todos os habitantes do lugar, mas de maneiras diferentes. Os mais pobres recebiam essas adversidades com maior impacto, justamente por serem os mais suscetíveis ao contágio das doenças: moravam em regiões periféricas, desprovidas de bens coletivos e, na maior parte das vezes, trabalhavam em condições precárias. Os mais aquinhoados, por outro lado, também sentiam as deficiências, sobretudo quando percebiam que nem mesmo a separação espacial poderia livrá-los das ameaças da vida moderna. A doença, nesse sentido, promovia uma espécie de igualdade entre os indivíduos, através de elos de dependência mútua<sup>3</sup>.

No campo da saúde a situação era desesperadora, já que as epidemias de febre tifóide, peste bubônica e varíola aconteciam em intervalos de tempo bastante curtos, afetando a cada dia um número crescente de pessoas. Neste rol não podemos esquecer da tuberculose, tão freqüente que era chamada de “filha da casa”, sendo a causadora dos maiores índices de mortalidade, sobretudo entre a população negra e parda, do sexo masculino, jornaleiro, com idade entre 21 e 35 anos e residente na zona urbana.

Embora o caráter contagioso de muitas doenças, a condição agravante para a sua propagação, muito mais do que qualquer traço distintivo era a situação de pobreza e abandono vivenciada. A maioria dos enfermos morava em cortiços ou em casas na chamada região suburbana, que não apresentavam as mínimas condições de saneamento para a habitação.

Dentro desta conjuntura, ficar doente poderia significar a morte, até mesmo porque, pelos custos que representavam, muitas pessoas não podiam procurar a ajuda de um médico diplomado. Por outro lado, estes costumavam ser encontrados apenas na zona urbana e não em inúmeras colônias e arrabaldes do município.

Não existiam tabelas para pagamentos de honorários médicos e eles costumavam cobrar pelo grau de envolvimento com o paciente e pelas posses que este representava ter. Muitos médicos ofereciam uma parte de seu tempo para atendimento aos pobres, na

---

insubordinações: o nascimento da polícia na cidade de Pelotas. In: *História em Revista*, Pelotas, 147-178, v. 12, dez./2006; v. 13, dez./2007.

<sup>3</sup> HOCHMAN, Gilberto. *A Era do Saneamento*. São Paulo: Hucitec/ANPOCS, 1998.

3

expectativa de que esta ação lhe rendesse prestígio e *status* junto à sociedade pelotense. O tempo era, no entanto, insuficiente à demanda e quando o atendimento ocorria, buscava resolver questões pontuais mais vinculadas à prática ambulatorial.

No Rio Grande do Sul, em função da existência dos preceitos da liberdade profissional, individual e religiosa, preconizada pelo Partido Republicano Rio-Grandense, médicos diplomados, licenciados, feiticeiros, mandingueiros, espíritas, ocultistas e homeopatas declararam, através de anúncios em jornais diários, ter o poder ou de curar moléstias ou de atenuar os seus efeitos, mesmo que estas fossem consideradas pela ciência como incuráveis.

Diante de uma grande oferta de profissionais e de poucos recursos financeiros, tornava-se mais fácil e menos oneroso, muitas vezes, recorrer a outros curadores, que não os médicos formados.

Nesta comunicação serão apresentados alguns exemplos de trabalhos realizados por espíritas, feiticeiros, homeopatas e licenciados, que embora pudessem exercer e propagandar suas atividades<sup>4</sup>, travaram um verdadeiro embate com a corporação médica, que lutou de todas as formas para não permitir o que considerava como atos de charlatanismo e curandeirismo, praticados por espertalhões, cujo principal objetivo era enganar uma população, em sua maioria, extremamente ignorante.

Esta temática pode ser pensada através de Bourdieu<sup>5</sup> quando escreve a respeito da disputa pelo poder entre campos autônomos, refletindo sobre o fato de que o agente social pretende constituir capital simbólico, para ser reconhecido na sociedade. Este capital simbólico, que pode ser representado de diversas formas, inclusive através de um diploma, confere autoridade e legitimidade ao seu portador.

Segundo o autor<sup>6</sup> :

Pode-se medir o grau de autonomia de um campo de produção erudita com base no poder de que dispõe para definir as normas de sua produção, os critérios de avaliação de seus produtos e, portanto, para retraduzir e reinterpretar todas as determinações externas de acordo com seus princípios próprios de funcionamento.

---

<sup>4</sup> O artigo 71, parágrafo 5º da lei máxima estadual, dizia que: “Não são admitidos também no serviço do Estado os privilégios de diplomas escolásticos ou acadêmicos, quaisquer que sejam, sendo livre no seu território o exercício de todas as profissões de ordem moral, intelectual e industrial”.

<sup>5</sup> BOURDIEU, Pierre. *A Economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1992.

<sup>6</sup> BOURDIEU, Pierre. Op. Cit., p. 106.

### **Espíritas**

Havia aqueles espíritas que passavam<sup>7</sup> pela cidade, realizando palestras e curas pontuais e também aqueles que nela habitavam, atuando principalmente no interior do município.

Em suas Memórias<sup>8</sup>, João Simões Lopes contou sobre a história de vida de cada um de seus familiares mais próximos. Quando se referiu ao irmão, Ismael Simões Lopes, que havia sido escritor, jornalista e político, abordou em detalhes a morte de Oscar, filho deste, com apenas 7 anos de idade.

Durante a grave enfermidade do menino, eu acompanhei de perto os sofrimentos de Ismael. O menino estava com tifo; a febre não cedia; era médico assistente do pequeno doente o Dr. Rasgadinho, popular clínico em Pelotas e amigo de Ismael. Rasgado, Romano, Amarante e outros clínicos daquele tempo nada conseguiam; o menino piorava dia a dia! Meu irmão, desesperado com o estado do filho, pediu-me que fosse em busca do Dr. Rheinberg, o ‘Alemão do Buraco’ como era conhecido. O Alemão residia no sobrado da rua Benjamin Constant, casa onde atualmente reside o autor destas memórias.

E é assim que se começa a conhecer um dos médicos espíritas que teve maior prestígio na cidade: Guilherme Rheinberg, suíço, natural do cantão alemão de Turgaus e que iniciou suas atividades curativas na serra dos Tapes, em local bastante isolado: um “buraco”.

O doutor se julgava capaz de intervir em qualquer moléstia e para isso preparava o denominado “Licor de Ouro”, uma mistura de várias ervas, cujo conteúdo somente ele conhecia.

O espírita angariou prestígio e muito dinheiro, tanto assim que após um assalto, resolver morar na cidade, em local mais seguro.

Magalhães<sup>9</sup> contou a forma singular como se deu a sua morte. Rheinberg, após se aconselhar com o espírito de João, seu irmão, redigiu um testamento em que deixava todos os seus bens ao Asilo de Órfãs Nossa Senhora da Conceição. Em seguida, mandou gravar em uma lápide, que deveria adornar a sua sepultura, aquela que seria a data de seu falecimento: 23 de dezembro de 1899. Neste dia faleceu de morte natural.

---

<sup>7</sup> O jornal *A Opinião Pública* de 26 de setembro de 1925, p. 2, conta da mobilização que a presença de Mozart Teixeira da Costa proporcionou à cidade.

<sup>8</sup> Memórias inéditas de João Simões Lopes, redigidas em 1931. Acervo pessoal de Mario Osório Magalhães.

<sup>9</sup> MAGALHÃES, Mario. *Pelotas Século XIX*. Pelotas: Editora Livraria Mundial, 1994.

5

É importante frisar que aos espíritas se recorria muitas vezes ao mesmo tempo em que aos médicos formados, isto de uma forma aberta, ou seja, com o conhecimento de várias pessoas. Em outros momentos, pela proximidade e facilidade de acesso, os espíritas eram os primeiros a cuidarem do doente ou os últimos a estarem junto à família, quando o diagnóstico era de que não havia mais como a medicina científica intervir, até mesmo porque acreditar em seus pressupostos, como o da reencarnação, significava ter uma outra relação com a morte e talvez uma nova maneira de enfrentar a vida cotidiana, mesmo após a perda física.

ENDERLE<sup>10</sup> revela a existência de uma outra curadora espírita chamada Gabriela Gastal. Segundo o autor seu poder mediúnico era tão grande que esta recebia pessoas de todo o Brasil e até do exterior, na pequena localidade de Teodósio.

Sua prática consistia em oferecer passes, receitas homeopáticas e chás com plantas medicinais, além de realizar operações à distância.

O espiritismo sempre encontrou um amplo espaço em Pelotas. Segundo GIL<sup>11</sup>, isto se deu pela estruturação desta sociedade: “*O espiritismo apresentava-se então como uma religião racional e como uma filosofia concebida sobre bases pretensamente científicas, bem ao gosto dos padrões europeus, nos quais os cidadãos pelotenses buscavam espelhar-se*”.

### **Feiticeiros**

Se havia condescendência com a prática espírita, o que vai fazer, inclusive, com que hoje a cidade seja uma das mais organizadas do Brasil neste campo, o mesmo não se dava com a chamada feitiçaria.

Segundo MAGGIE<sup>12</sup>, o termo feitiço é usado como um elemento classificador. Toda a vez que uma pessoa quer enquadrar alguém a quem considera subalterno ou marginal pode recorrer ao uso da palavra feiticeiro.

Ao mesmo tempo, torna-se sempre necessário coisificar o feitiço, por esse motivo é que nas notícias analisadas, ao lado da classificação, encontra-se a descrição de objetos com os quais o feiticeiro pretendia concretizar o ato da feitiçaria.

---

<sup>10</sup>ENDERLE, Lauro. *História do Espiritismo em Pelotas (1877-1984)*. Porto Alegre: AGE, 1984.

<sup>11</sup>GIL, Marcelo. *O Movimento Espírita Pelotense e suas raízes sócio-históricas e culturais*. Pelotas, 2008. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Universidade Federal de Pelotas, p. 169.

<sup>12</sup>MAGGIE, Yvone. *Medo do feitiço: relações entre magia e poder no Brasil*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1992, p. 272.

6

A maioria dos feiticeros encontrados era mulher ou homem negro. No que diz respeito às mulheres, o caso mais conhecido foi o da curandeira Mimosa, que morava no 5º Distrito de Pelotas. “*Essa mulher arrastava todos os dias à sua casa, uma verdadeira romaria de ‘fanáticos’, que descrendo dos poderes terapêuticos da ciência iam buscar ali a salvação*”<sup>13</sup>. Mimosa era casada e tinha três filhos e após ter sido expulsa daquela localidade pelos agentes policiais, foi para a Colônia Santa Clara, local em que continuou atuando.

Os feiticeros negros foram encontrados em número expressivo, no período de tempo estudado, mas o caso que mais chamou a atenção foi o de Euzébio Coutinho, que foi utilizado como exemplo pelo jornal *O Dia*<sup>14</sup>, em uma campanha que este periódico fez, com o fim de revelar o “mundo dos exploradores”.

Coutinho residia na rua Marquês de Caxias, n. 470, lugar afastado do centro da cidade. Sua primeira atividade teria sido a de professor de dança, passando depois a se intitular um curador de moléstias.

Na apresentação que o periódico faz de Coutinho consta palavras como “preto vadio e esperto”, informando que cada consulta custava 2\$000, o que poderia ser acrescido de mais algum valor, por trabalho de cura praticado.

Euzébio Coutinho não se intimidou diante das repetidas notícias que falavam sobre sua vida e sua prática profissional. No dia 27 de setembro de 1916, pelas páginas do jornal *O Rebate* defendeu-se, demonstrando ser muito bem articulado com as palavras. Afirmou na matéria ser filho de Pelotas, ter 67 anos, ser sócio de várias entidades beneméritas e filiado ao Partido Republicano, desde a sua fundação.

Quanto à sua atividade profissional, revelou ministrar remédios caseiros a enfermos, muito mais por possuir sentimentos humanitários, do que necessitar da profissão de curador para se manter. Além disso, se mostrou conhecedor da legislação do Estado, ao basear sua atuação na liberdade de cultos.

### **Homeopatas**

Não foram muitos os anúncios e notícias encontradas sobre a atuação de médicos homeopatas em Pelotas, embora tenham sido constantes em todo o período de tempo

---

<sup>13</sup> Jornal *O Rebate*, 5 de janeiro de 1916, p. 2. Arquivo da Biblioteca Pública Pelotense.

<sup>14</sup> A campanha difamatória inicia no dia 18 de setembro de 1916. Arquivo da Biblioteca Pública Pelotense.

7

analisado. Havia aqueles que fixaram consultórios, como Vítor Damé<sup>15</sup> e Edison Fagundes<sup>16</sup> e outros que passavam pela cidade, propagando algum tipo de método terapêutico diferenciado, que pudesse atrair a atenção de novos clientes.

De toda a forma, os remédios homeopáticos eram bem aceitos pela população de Pelotas, que contava com um dos mais importantes laboratórios de Homeopatia do Brasil. Tratava-se do Estabelecimento Industrial Farmacêutico Souza Soares.

Este estabelecimento, o primeiro em seu gênero que existe em toda a América do Sul, está situado em uma área de mais de 300.000 metros quadrados, distando da cidade de Pelotas (Estado do Rio Grande do Sul-Brasil) cerca de 2 quilômetros, e, com ela se comunicando por linhas telefônicas e de bondes.<sup>17</sup>

A empresa ficava localizada em um amplo parque chamado Pelotense, conhecido como Souza Soares. Neste espaço, em que havia inúmeras opções de lazer, elevou-se uma estátua em homenagem a Christian Friedrich Samuel Hahnemann (1755-1843), que em 1796 publicou um artigo intitulado “Ensaio sobre um novo princípio de cura para descobrir as virtudes curativas das substâncias medicinais”, com o qual fundou a homeopatia moderna.

O farmacêutico Souza Soares produziu uma ampla lista de remédios homeopáticos e específicos, sendo o carro chefe da produção o Peitoral de Cambará, que se destinava a várias moléstias, dentre elas a tuberculose. Os produtos eram comercializados em todo o Brasil, além de serem exportados para a Europa, Ásia, África e América do Sul.

A partir de 1898<sup>18</sup> Souza Soares envolveu-se em longa disputa, através da imprensa, com representantes dos “Específicos de Humphreys”, produzidos em Nova Iorque. Segundo o que consta, os representantes do laboratório norte-americano, acusavam o pelotense de copiar a fórmula de seus específicos e imitar os seus rótulos.

Soares sustentou o debate nos jornais enaltecendo os valores da indústria nacional, bem como oferecendo dinheiro para quem provasse qualquer tipo de adulteração.

<sup>15</sup> Jornal *A Opinião Pública*, 15 de maio de 1913, p. 2. Arquivo da Biblioteca Pública Pelotense.

<sup>16</sup> Jornal *A Opinião Pública*, 5 de novembro de 1922, p. 2. Arquivo da Biblioteca Pública Pelotense.

<sup>17</sup> O Rio Grande Industrial. Porto Alegre: Echenique Irmãos & Cia., 1907, p. 45. Arquivo da Biblioteca Pública Pelotense.

<sup>18</sup> Jornal *Diário Popular* de 1º de abril de 1898, p. 2 e outras numerosas notícias publicadas durante grande parte do ano de 1899.



8

O certo é que o seu livro “Novo Médico”, no qual dissertava sobre as doenças e os remédios homeopáticos necessários à sua cura, era muito utilizado pela população, tendo tido várias reedições.

### **Licenciados**

No dia 14 de julho de 1891, Júlio de Castilhos foi eleito Presidente do Estado, outorgando uma nova Constituição, que tinha como fundamento o projeto do Apostolado Positivista do Brasil, expresso na Assembléia Nacional Constituinte.

Logo depois de promulgada a Constituição, em 30 de dezembro de 1891, um decreto federal determinou que a responsabilidade pelas atividades de saúde pública, quando ocorressem em terra e não em mar, vinculava-se aos Estados. Assim, qualquer intervenção da União só poderia ser concretizada por solicitação das unidades federativas. O RS, como os demais estados, passou a se ocupar da estruturação das questões sanitárias, a partir dos recursos financeiros disponíveis e das concepções políticas que defendia.<sup>19</sup>

Para WEBER<sup>20</sup> foi a autonomização das práticas regionais, estabelecida pelo Decreto de 1891, que possibilitou ao RS fixar uma política diferenciada no campo da saúde e do saneamento, concretizada a partir das idéias de liberdade profissional e liberdade religiosa, contidas na Constituição Estadual.

Para o exercício da Medicina, bastava que houvesse o registro do interessado primeiro na Inspeção e mais tarde na Diretoria de Higiene do Estado. Essa situação fez com que muitos médicos estrangeiros se fixassem em diferentes cidades: Porto Alegre, Pelotas, Rio Grande e ali anunciassem seus serviços para a população em geral.

Essa situação de preencher um requerimento para ter o direito de exercer a Medicina e áreas afins, para os oponentes do Partido Republicano Rio-Grandense, significava a aquiescência da administração na proliferação de casos de charlatanismo, além de fazer com que o RS fosse uma porta aberta aos médicos imigrantes que, segundo consideravam, nem sempre possuíam uma formação acadêmica desejável.

---

<sup>19</sup> ABRÃO, Janete. *Banalização da morte na cidade calada: a hespanhola em Porto Alegre, 1918*. Porto Alegre: EDIPUCS, 1998.

<sup>20</sup> WEBER, Beatriz. *As artes de curar: Medicina, Religião, Magia e Positivismo na República Rio-Grandense 1889/1928*. Santa Maria: Ed. da UFSM; Bauru: EDUSC – Editora da Universidade Sagrado Coração, 1999.



9

As avaliações sobre as práticas dos licenciados foram feitas cotidianamente pela imprensa, todavia, de modo principal, quando era noticiado algum erro profissional, que comprovaria a inépcia com a qual atuava.

Os médicos que obtinham registro, independente de sua formação, costumavam apresentar-se como generalistas, isto é, atendiam aos pacientes que possuíam as mais diversas moléstias, sempre sugerindo uma maneira adequada, para atingir a cura.

Médico alemão. Dr. Max Lorenz. Operador e especialista em doenças de pulmões, nervos e estômago, tendo sido assistente do afamado professor Dr. Krause de Berlim durante a sua permanência em São Paulo. Chegará a esta cidade no dia 7 de outubro, conservando-se até o dia 10, dando consultas diárias na Farmácia Central à rua General Osório, n. 801, das 8 da manhã às 11 e da 1 às 6 horas da tarde. Atende também a doenças internas em clínica geral, seguindo no dia 11 para Bagé aonde dará consultas até o dia 15, podendo ser procurado naquela cidade no Hotel Brasil.<sup>21</sup>

Contudo, havia também aqueles, cujos anúncios demonstravam uma especialização maior em suas tarefas.

Dr. Hugo Wimmer. Formado na Áustria. Ex-assistente de clínica em Viena. Médico do Sanatório de Tuberculose em Bad Ischl. Dá consultas na Farmácia Coelho das 9 às 10 horas da manhã (só para os pobres) e das 5 às 6 horas da tarde e em sua residência à rua Marechal Deodoro, n. 973 das 10 às 11 e das 4 às 5. Especialidades: Todas as moléstias de pulmões, injeções preventivas e curativas contra a tuberculose.<sup>22</sup>

Bastante incomum eram reclames que indicavam a atuação de mulheres nesta área. Eram poucas as mulheres formadas e parecia ser menor ainda o número delas que, mesmo com todas as críticas, se arriscavam a adentrar nesse mundo predominantemente masculino.

Médica. Catarina de Araújo e Silva, médica licenciada, participa a clientela que transferiu a residência para a rua General Victorino n. 1009.<sup>23</sup>

Pela proximidade territorial, também era freqüente a atuação de médicos argentinos alguns dos quais, inclusive, garantiam o tratamento, como o denominado Vernengo.

Dr. S. E. Quirolo Vernengo. Cura a tuberculose e mais enfermidades dos pulmões por um método exclusivo. Tratamento garantido. Os

<sup>21</sup> Jornal *A Opinião Pública* de 16 de outubro de 1925, p. 4. Arquivo da Biblioteca Pública Pelotense.

<sup>22</sup> Jornal *A Opinião Pública* de 4 de janeiro de 1922, p. 1. Arquivo da Biblioteca Pública Pelotense.

<sup>23</sup> Jornal *Diário Popular* de 1º de julho de 1918, p. 7. Arquivo da Biblioteca Pública Pelotense.

10

enfermos pagarão somente depois da cura. Rua Ewbanck, 8, Rio Grande do Sul.

Existiam até mesmo médicos e sociedades de ajuda que prometiam o alívio por correspondência.

Serviço médico grátis pelo Dr. J. Schaller. Ex-clínico em Laysin (Suíça). Especialidades: Tuberculose, Dispepsia, Fraqueza Genita, Moléstias Infecciosas da pele, Neurastenia, Anemia, Linfatismo, Moléstias dos Intestinos, do Estômago, dos Rins, Fígado, Blenorragia etc. Endereço: Posta Restante 'Diário de Pernambuco'. Nota – mande a descrição completa da moléstia e o endereço certo do doente e também um selo do correio de 200 réis para a resposta.<sup>24</sup>

### **Considerações finais:**

O Rio Grande do Sul vivia uma situação atípica, uma vez aqui imperar a liberdade profissional. A partir desse preceito, os mais diferentes curadores, como médicos diplomados, médicos licenciados, homeopatas, espíritas, feiticeiros advogaram o direito de se manifestarem sobre as mais diferentes enfermidades.

Para os seguidores do Partido Republicano Rio-Grandense, a defesa da liberdade profissional e de outras liberdades, como a individual e religiosa, tratava-se não só de consentir que cada cidadão vivesse da maneira como julgasse mais conveniente, como permitir que cada pessoa avaliasse sobre a melhor alternativa para o seu tratamento. Para os opositores do PRR, a situação ocasionava um descaso para com a saúde, na medida em que permitia atos de curandeirismo, que só eram em tão grande número, tendo em vista a ignorância da maioria dos cidadãos.

Mesmo que inúmeros debates tenham sido travados pela imprensa local, a população não se beneficiou das conclusões a que chegou uma pequena elite letrada.

Em caso de doença, como a maioria dos médicos era inacessível – ou pelo preço da consulta ou ainda pela distância dos ambulatórios – as pessoas recorriam àqueles curadores mais próximos, que ministravam xaropes e elixires, causadores, muitas vezes, apenas de um alívio e de uma sensação de bem-estar, mas que traziam alguma espécie de alento e atenção aos seus sofrimentos cotidianos.

---

<sup>24</sup> Jornal *Diário Popular* de 21 de agosto de 1925, p. 3. Arquivo da Biblioteca Pública Pelotense.

**Referências Bibliográficas:**

- ABRÃO, Janete. *Banalização da morte na cidade calada: a hespanhola em Porto Alegre*, 1918. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998.
- AL-ALAM, Caiuá. Insultos e insubordinações: o nascimento da polícia na cidade de Pelotas. In: *História em Revista*, Pelotas, 147-178, v. 12, dez./2006; v. 13, dez./2007.
- ANJOS, Marcos Hallal dos. *Estrangeiros e Modernização: a cidade de Pelotas no último quartel do século XX*. Pelotas: Ed. Universitária/UFPel, 2000.
- BOURDIEU, Pierre. *A Economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- ENDERLE, Lauro. *História do Espiritismo em Pelotas (1877-1984)*. Porto Alegre: AGE, 1984.
- GIL, Marcelo. *O Movimento Espírita Pelotense e suas raízes sócio-históricas e culturais*. Pelotas, 2008. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Universidade Federal de Pelotas.
- GILL, Lorena. *O mal do século: Tuberculose, tuberculosos e políticas de saúde em Pelotas (RS) 1890-1930*. Pelotas: Ed. da EDUCAT, 2007.
- HOCHMAN, Gilberto. *A Era do Saneamento*. São Paulo: Hucitec/ANPOCS, 1998.
- LONER, Beatriz. *Construção de Classe: operários de Pelotas e Rio Grande (1888-1930)*. Pelotas: Universidade Federal de Pelotas. Ed. Universitária: Unitrabalho, 2001.
- MAGALHÃES, Mario. *Opulência e Cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul: um estudo sobre a História de Pelotas (1860-1890)*. Pelotas: Ed. UFPel: Co-edição Livraria Mundial, 1993.
- MAGALHÃES, Mario. *Pelotas Século XIX*. Pelotas: Editora Livraria Mundial, 1994.
- MAGGIE, Yvone. *Medo do Feitiço: relações entre magia e poder no Brasil*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1992.
- OSÓRIO, Fernando. *A Cidade de Pelotas*. Pelotas: Ed. Armazém Literário, 1998.
- WEBER, Beatriz. *As artes de curar. Medicina, Religião, Magia e Positivismo na República Rio-Grandense – 1889/1928*. Santa Maria: Ed. da UFSM; Bauru: EDUSC – Editora da Universidade do Sagrado Coração, 1999.